ReGeo ISSN: 2177-3246

UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE PATRICK CHARAUDEAU E MICHEL MEYER

A POSSIBLE DIALOGUE BETWEEN PATRICK CHARAUDEAU AND MICHEL MEYER

UN POSIBLE DIÁLOGO ENTRE PATRICK CHARAUDEAU Y MICHEL MEYER

https://doi.org/10.56238/revgeov17n10-124

Data de submissão: 19/09/2026 **Data de publicação:** 19/10/2026

Alex Fabiani de Brito Torres
Doutor
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: afbtorres@yahoo.com.br

RESUMO
O objetivo deste artigo é comparar os autores Patrick Charaudeau e Michel Meyer, evidenciando as aproximações e as diferenças entre suas teorias. Quanto às aproximações, serão analisadas as seguintes variáveis: concepção de língua; concepção de linguagem; como o teórico considera o outro na sua teoria; e princípio do jogo. Quanto às diferenças, serão analisadas as seguintes variáveis: dimensão investigada; natureza da linguagem; principal conceito utilizado em sua teoria; e concepção de contexto. Foram utilizadas, principalmente, as seguintes referências teóricas: Charaudeau (2001, 2004, 2006, 2008 e 2010), Meyer (1982, 2007a, 2007b e 2008). Escolheu-se uma metodologia qualitativa, dividindo-se em: método comparativo e bibliográfico. Evidencia-se a complementaridade entre essas duas teorias, apesar de cada autor priorizar uma abordagem diferente.

Palavras-chave: Patrick Charaudeau. Michel Meyer. Aproximações. Diferenças. Teorias.

ABSTRACT
The purpose of this article is to compare the authors Patrick Charaudeau and Michel Meyer, evidencing the approximations and differences between their theories. As to approximations, the following variables will be analyzed: conception of language; language conception; as the theoretical considers the other in his theory; and principle of the game. As to differences, the following variables will be analyzed: investigated dimension; nature of language; main concept used in his theory; and designing context. They were used mainly the following theoretical references: Charaudeau (2001, 2004, 2006, 2008 and 2010), Meyer (1982, 2007a, 2007b and 2008). It was chosen a qualitative methodology, dividing into: comparative and bibliographical method. It is evidenced complementarity between these two theories, although each author prioritize a different approach.

Keywords: Patrick Charaudeau. Michel Meyer. Approximations. Differences. Theories.

RESUMEN
El objetivo de este artículo es comparar a los autores Patrick Charaudeau y Michel Meyer, poniendo de relieve las convergencias y diferencias entre sus teorías. En cuanto a las convergencias, se analizarán las siguientes variables: concepción de la lengua; concepción del lenguaje; el modo en que el teórico considera al otro en su teoría; y el principio del juego. Respecto a las diferencias, se analizarán las siguientes variables: dimensión investigada; naturaleza del lenguaje; concepto principal utilizado en su teoría; y concepción del contexto. Se utilizaron principalmente las siguientes referencias teóricas: Charaudeau (2001, 2004, 2006, 2008 y 2010) y Meyer (1982, 2007a, 2007b y 2008). Se optó por una metodología cualitativa, dividida en los métodos comparativo y bibliográfico. Se evidencia la complementariedad entre ambas teorías, a pesar de que cada autor prioriza un enfoque diferente.

Palabras clave: Patrick Charaudeau. Michel Meyer. Convergencias. Diferencias. Teorías.

1 INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso e a Argumentação Retórica apresentam comunalidades. A hipótese desta investigação é a de que talvez as dimensões discursiva e retórico-argumentativa tenham muitos pontos em comum, não excludentes e possam ser pensadas numa relação de complementaridade, e não de exclusão.

Escolheu-se uma metodologia quantitativa (LAVILLE; DIONNE, 1999). O método relativo a essa metodologia subdivide-se em: a) comparativo, em função do cotejamento que se fará de elementos que dão sustentabilidade à teoria de Patrick Charaudeau e à teoria de Michel Meyer; e b) bibliográfico, visto estar este artigo teoricamente localizado no cruzamento entre a retórica e a argumentação e a semiolinguística e ter como marco teórico: Meyer (2007, 2008 e 2010) e Charaudeau (2001, 2004, 2006, 2008 e 2010).

Elaboraram-se dois quadros: o primeiro trata das aproximações entre os elementos que sustentam ambas as teorias: concepção de língua, concepção de linguagem, a noção de jogo, a presença do outro na sua teoria: Charaudeau, no discurso; e Meyer, na retórica (argumentação) e no princípio do jogo. O segundo trata das diferenças entre essas duas relevantes teorias: dimensão investigada, natureza da linguagem, principal conceito utilizado em sua teoria e concepção de contexto.

2 DESENVOLVIMENTO

O Quadro 1 ilustra a aproximação entre esses autores:

Quadro 1. Aproximações entre Charaudeau e Meyer

Dimensões	Charaudeau	Meyer
Concepção de linguagem	Fenômeno complexo	Fenômeno complexo
	Integração entre a não transparência e a transparência da linguagem	Opacidade da linguagem
		Expressa perguntas, problemas, respostas e soluções
Como o teórico considera o outro (o tu) na sua teoria	No discurso: como sujeito interpretante, parceiro, interlocutor, protagonista, protagonista do ato de linguagem, interlocutor-receptor, receptor, adversário, leitor, auditório, sujeito, ator da linguagem	Na retórica (argumentação): como auditório, interlocutor, questionador, questionador-implícito, questionador-destinatário, protagonista
	Os principais termos utilizados são parceiro, sujeito interpretante e sujeito destinatário	O principal termo é destinatário
	Valorização dos princípios de alteridade e de cooperação	Valorização dos princípios de alteridade e de cooperação
Princípio do jogo	Presente em sua teoria: ajustamento entre a encenação do dizer e a relação contratual do fazer	Presente em sua teoria: negociação da distância entre os interlocutores

Fonte: Adaptado de Charaudeau (2001, 2006, 2008 e 2010) e de Meyer (1982, 2007a, 2007b e 2008).

Observam-se as análises acerca das variáveis apresentadas:

A) Concepção de linguagem

Charaudeau (2010, p. 7) concebe a linguagem como

> [...] um fenômeno complexo que não se reduz ao simples manejo das regras de gramáticas e das palavras do dicionário, como tendem a fazer crer a escola e o senso comum. A linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo um 'savoir faire', que é chamado de competência.

Esse autor a concebe sob as dimensões social e psicológica, priorizando os vínculos sociais e psicológicos entre os seus usuários, chamados por ele de sujeitos de linguagem, que são, simultaneamente, diferentes e semelhantes. A linguagem lhes permite viver em sociedade. Ele a concebe como encenação, uma atividade humana que se joga (ou se encena) nos palcos da vida social, havendo, para tanto, a necessidade de uma competência discursiva. A competência discursiva é um conjunto de competências (uma competência situacional, uma competência semiolinguística e uma competência semântica): a competência situacional se refere à situação de comunicação. Considera a finalidade da situação e a identidade dos locutores e dos interlocutores. A competência semiolinguística

> [...] consiste em saber organizar a encenação do ato de linguagem de acordo com determinadas visadas (enunciativa, descritiva, narrativa, argumentativa), recorrendo às categorias que cada língua nos oferece. [...] competência semiolinguística [...] consiste em saber construir sentido com a ajuda de formas verbais (gramaticais ou lexicais), recorrendo aos saberes de conhecimento e de crença que circulam na sociedade, levando em conta os dados da situação de comunicação e os mecanismos de encenação do discurso (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

O próprio sentido da linguagem envolve dois processos bastante complexos: o explícito, enquanto testemunha de uma atividade estrutural, está ligado à simbolização referencial. Utilizamos, nesse processo, operações de comutação, no estabelecimento de oposição entre os signos, e também operações de combinação entre os signos. Tais operações são resultantes de paráfrases estruturais, baseando-se na relação de exclusão entre os signos. Esse primeiro processo possibilita, na linguagem, um jogo de reconhecimento morfossemântico construtor de sentido:

> "A produção dessas paráfrases estruturais permite que se efetue na linguagem *um jogo de reconhecimento morfossemântico construtor de sentido*, que remete à realidade que nos rodeia (atividade referencial), conceituando-a (atividade se simbolização). É por isso que vamos nomeá-la *Simbolização referencial*" (CHARAUDEAU, 2010, p. 25).

O segundo processo complexo é relativo ao implícito enquanto testemunha de uma atividade serial da linguagem. Ele se refere à significação da linguagem, envolvendo as condições de produção e de interpretação da linguagem. Nesse processo, construímos, enquanto sujeitos de linguagem, paráfrases seriais, as quais se relacionam a um jogo de remissões:

> "A produção dessas paráfrases permite que se efetue, na linguagem, um jogo de remissões constantes a alguma coisa além do enunciado explícito, que se encontra antes e depois do ato de proferição da fala. É um jogo construtor da significação de uma totalidade discursiva que remete a linguagem a si mesma como condição de realização dos signos, de forma que estes não signifiquem mais por si mesmos, mas por essa totalidade discursiva que os ultrapassa: vamos, pois, nomeá-la *Significação* [...]" (CHARAUDEAU, 2010, p. 25).

Charaudeau (2010, p. 27) concebe, assim, a linguagem enquanto fenômeno conflitual, concernente à produção e à interpretação de atos de linguagem, envolvendo um duplo movimento: o movimento exocêntrico, ligado à atividade serial,

> "[...] movido por uma força centrífuga que obriga todo ato de linguagem (e, portanto, todo signo) a se significar em uma intertextualidade que é como um jogo de interpelações realizados entre os signos, no âmbito de uma contextualização que ultrapassa – amplamente- seu contexto explícito".

O movimento endocêntrico está ligado à etividade estrutural, em sentidos de referência e de simbolização; há uma rede de relações entre um signo e outros signos:

> "[...] movido por uma força centrípeta que obriga o ato de linguagem (e, logo, os signos que o compõem) a ter significado, ao mesmo tempo em um ato de designação de referência (no qual o signo se esgota em função de troca) e em um ato de simbolização; nesse ato o signo se instala dentro de uma rede de relações com outros signos (rede comandada pela atividade serial) e se constitui como valor de diferença. Corresponde a esse movimento a atividade estrutural que garante a construção do sentido da Simbolização referencial" (CHARAUDEAU, 2010, p. 27).

Ainda com relação à complexidade da linguagem, esse autor destaca a incompletude do Explícito e que a determinação da significação do ato de linguagem cabe ao Implícito (O Implícito comanda o Explícito). Assim, o autor concebe o ato de linguagem (A de L). por meio da seguinte fórmula (equação):

"[...] A de L= [Explícito x Implícito] [...] C de D". C de D seriam as Circunstâncias de Discurso.

Charaudeau (2010, p. 20) admite a existência de duas grandes tendências acerca das teorias constituídas sobre linguagem:

> uma que se caracteriza por sua concepção de linguagem-objeto-transparente, por seu método de atividade de abstração, e se interessa por do que nos fala a linguagem; outra que se caracteriza por sua concepção de linguagem-objeto-não-transparente, por seu método de atividade de elucidação, e se interessa por como nos fala a linguagem.

Esse autor defende a relevância desses dois tipos de abordagem para a semiolinguística, a necessidade de integrá-los, "[...] em uma mesma problemática, pois a linguagem é produzida de tal forma que acaba sendo marcada pelo selo da discordância e da concordância" (CHARAUDEAU, 2010, p. 20).

O interessante é que, quando analisa os sujeitos de linguagem, especificamente o sujeito interpretante (TUi), Charaudeau (2010, p. 46) utiliza o termo opacidade ("relação de opacidade"):

> Assim sendo, se supomos que o TUd está em relação de transparência com a intencionalidade do EU, o TUi, ao contrário, se encontra em uma relação de opacidade (Grifo nosso) com essa intencionalidade, já que não é uma criatura do EU. O TUi só depende dele mesmo e se institui no instante exato em que opera um processo de interpretação.

Em conformidade com o autor, os processos de produção e de interpretação de textos estão ligados às intencionalidades dos sujeitos de linguagem. Tanto os locutores quanto os interlocutores possuem intencionalidades nos atos de linguagem. Quando o EU se comunica, fabrica (constrói) um destinatário ideal: o TUd. Esse Tud (sujeito destinatário) sempre estará presente no ato de linguagem. Assim, eu EU exerce um domínio sobre o TUd e supõe haver uma transparência de sua fala para o TUd. Por sua vez, o TUi (sujeito interpretante), está ausente do ato de enunciação que o EU produziu e não está sob o domínio do EU. Assim, o TUi pode realizar uma interpretação da intencionalidade do EU, diferentemente da intencionalidade que o EU idealizou para o TUd, implicando, assim, numa relação de opacidade, conforme a passagem acima.

Charaudeau (2010, p. 17) concebe, ainda, o ato de linguagem

> [...] como um objeto duplo, constituído de um Explícito (o que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação.

Por sua vez, Meyer (2007, 2008) concebe a linguagem em termos problematológicos, como a diferença problematológica entre os interlocutores (locutor e auditório). Assim, a linguagem estaria vinculada à existência de um problema na comunicação, de uma questão, havendo, assim, a necessidade de uma resposta de uma solução. Ela permitiria aos usuários da língua uma negociação na redução dessa diferença. Nesse sentido, parece haver uma aproximação entre essa concepção de linguagem e o campo científico, especialmente quanto à relevância da existência de um problema e da busca de sua resolução.

No livro Lógica, linguagem e argumentação, Meyer (1982, p. 129) vincula a linguagem à resolução de problemas, aproximando a linguagem do campo científico:

> O recurso à linguagem inscreve-se no quadro geral da acção humana. Os homens agem em função dos problemas que se lhes colocam e com os quais se devem enfrentar pelo simples facto de existirem. Neste sentido, o uso da linguagem é resolução de problemas. Há apenas duas maneiras de encarar um problema com a ajuda da linguagem: ou expressamo-lo porque a sua resolução depende de outro problema, ou solucionamos um outro problema que se prende com a questão ou que interessa *eo ipso* à questão tratada.

Meyer (1982, p. 129) considera a diferença entre questões e respostas a diferença que constitui a linguagem:

> Dado que a diferença entre questões e respostas, concebida como a diferença entre problemas e soluções, é a diferença constitutiva da linguagem, esta diferença deve indicar-se formalmente com clareza.

Esse autor postula que "A dualidade fundamental da linguagem é a diferença questão-resposta [...] (MEYER, 1982, p. 132). Essa diferença é chamada por ele de "diferença problematológica", materializando-se "[...] na oposição do explícito e do implícito" [...] (MEYER, 1982, p. 132).

Para esse autor, o uso da linguagem se centra no par questão-resposta, implicando nas seguintes consequências:

> "1) Todo o uso da linguagem é a resposta a um certo problema, inclusive quando se trata de expressá-lo.
> 2) Se o objectivo de toda a resolução é apresentar uma resposta, o problema que originou esta resposta não se coloca mais, a partir do momento em que esta é proposta. A partir desse momento, o objectivo não é dizer os problemas, mas dizer as soluções. Daí resulta que a oposição solução/problema corresponde à oposição explícito e implícito. Um problema não se diz, mesmo quando se expressa, um problema não se *declara*, ele *coloca-se.*
> 3) Responder através da linguagem, apelar para o explícito para tratar certo problema é pôr em forma. A forma é aquilo através do qual se indica a diferença problemas/soluções, e enquanto linguagem estabelece uma barreira entre eles segundo a linha de demarcação do implícito (informe) e do explícito (formado).
> 4) Quando se responde a um problema expressando-o, esta resolução parcial que apela explicitamente a uma resolução complementar, indica-se formalmente *como r*esolução parcial [...]" (MEYER, 1982, p. 130).

Esse autor destaca a diferença entre a demonstração matemática, em encontramos uma questão e a univocidade de uma resposta, havendo, consequentemente, o acordo, a adesão; e de outro lado, o raciocínio formal, para o qual, verificamos, também, a existência de uma questão, mas várias alternativas de respostas, e não apenas uma única resposta.

Meyer (2007b, p. 85) utiliza o termo opacidade para se referir à linguagem. Trata-se de uma dificuldade:

> No uso da linguagem existe portanto uma opacidade ou uma dificuldade que procuramos vencer ou simplesmente manifestar. Queremos submeter uma questão a outrem, partilhá-la com ele, porque ela lhe interessa por razões parecidas com as nossas, ou porque pode contribuir para a resolver. Também podemos propor-lhe uma resposta, mas corremos o risco de ele a desaprovar e rejeitar; ou, pelo contrário, poderá aderir a ela por 'boas razões' ou simplesmente porque lhe agrada. A linguagem, tal como a usamos, suscita uma questão sobre a qual o auditório deve responder, por vezes contra a sua vontade, ou à qual (se é preciso agir e reagir) lhe solicitamos expressamente que responda. O auditório é assim confrontado com uma pergunta, directamente ou de maneira derivada por intermédio de uma resposta.

B) Como o teórico considera o outro (o tu) na sua teoria

Charaudeau, em sua teoria, atribui uma grande relevância aos sujeitos de linguagem, dentre os quais o outro (tu) no processo linguageiro, sendo esse considerado necessário à constituição do eu. Destaca, ainda, o seu papel de intérprete no ato de linguagem e a utilização, por parte desse ator sociodiscursivo e do locutor, de saberes compartilhados. Para esse autor, a comunicação está ligada à questão identitária: identidade dos sujeitos de linguagem, dotados de intencionalidades. Para a compreensão do outro (tu), o autor utiliza, às vezes, conceitos que evidenciam a existência de uma relação complementar entre os princípios de alteridade e de cooperação, não sendo, portanto, esse outro visto como um ator coadjuvante na encenação linguageira: interlocutor (CHARAUDEAU, 2010, p. 25, 57), sujeito interpretante (CHARAUDEAU, 2010, p. 29, 45, 58), interpretante (CHARAUDEAU, 2010, p. 29), ator da linguagem (CHARAUDEAU, 2010, p. 32), sujeito-interlocutor (CHARAUDEAU, 2010, p. 44), TU- destinatário (CHARAUDEAU, 2010, p. 44), sujeito destinatário (CHARAUDEAU, 2010, p. 47), destinarário (CHARAUDEAU, 2010, p. 56), sujeito da linguagem (CHARAUDEAU, 2008, p. 11), parceiro de um ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2008, p. 12, 15) e parceiro (CHARAUDEAU, 2008, p. 13, 15, 15, 15, 22, 22, 22, 22, 25, 28).

Os principais termos usados por Charaudeau, para se referir ao outro no discurso, são sujeito interpretante, que implica em uma atividade de parceria, e sujeito destinatário, que evidencia uma relação de protagonismo):

> [...] sujeito interpretante (TUi)] (CHARAUDEAU, 2001, p. 32). Esse autor concebe [...] sujeito interpretante (TUi) [...] o parceiro que tem a iniciativa do processo de interpretação. Ele constrói uma interpretação – que pode ser muda ou se exprimir por uma interação qualquer – em função dos mesmos três componentes – com as hipóteses de saber que ele é levado a elaborar sobre o sujeito comunicante (EUc) -, e através da percepção do ritual linguageiro (CHARAUDEAU, 2001, p. 32). [...] o sujeito destinatário (TUd) (CHARAUDEAU, 2001, p. 32).

A relação que se estabelece entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante é de parceria: "[...] parceiros legitimados [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 15), "[...] os parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 15), "[...] identidade dos parceiros [...]", "[...] identidade dos parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 15), "[...] os parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 16), "[...] os parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 16), "[...] parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 20), . "[...] parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 22), "[...] parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 22), "[...] os parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 23), "[...] um dos parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 23), "[...] parceiro [...] (CHARAUDEAU, 2001, p. 30), "[...] estatutos sociais dos parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2001, p. 30), "[...] os parceiros estão presentes?" (CHARAUDEAU, 2001, p. 31), "[...] os parceiros são suscetíveis" (CHARAUDEAU, 2001, p. 31), "[...] cada um dos parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2001, p. 31), "[...] dois parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 13), "[...] os parceiros da comunicação [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 15), "[...] parceiros [...]" (CHARAUDEAU, 2008, p. 28).

Esse autor considera a parceria entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante assimétrica, sendo que o Euc ocupa uma posição central, e o Tui, numa relação de inferioridade:

> Entretanto, não há simetria entre as atividades do EUc e do TUi. Se o resultado do processo de produção pode ser estudado através das características da encenação do dizer, configurada no texto, o resultado do processo de interpretação só pode ser captado de duas formas: seja através do texto de interação (e tal captação, por mais interessante que seja, só pode ser parcial), seja de forma psico-experimental, isto é, testando-se os sujeitos interpretantes [...] (CHARAUDEAU, 2001, p. 32).

O outro (tu) é também considerado por Charaudeau como protagonista: o sujeito destinatário (TUd). O sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário são concebidos como protagonistas da interação linguageira:

> Na interação linguageira, somos confrontados com dois protagonistas: o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (Tud), que se definem como seres de fala da encenação do dizer, produzida pelo EUc e interpretada pelo TUi. Estes seres de fala assumem diferentes faces de acordo com os papéis que lhes são atribuídos pelos parceiros do ato de linguagem em função da relação contratual (CHARAUDEAU, 2001, p. 32).

Nessa relação de protagonistas, prevalece a noção de papéis atribuídos aos parceiros no ato de linguagem, por meio da relação contratual.

Esse autor utiliza, ainda, vários termos para se referir ao outro: interlocutor, "[...] protagonista [...]" (CHARAUDEAU, 2001, p. 32), protagonista do ato de linguagem, interlocutor-receptor, receptor, adversário, leitor, auditório, "[... sujeitos da linguagem [...]" (CHARAUDEAU, 2001, p. 27), ator da

linguagem, “[...] destinatário-leitor [...]” (CHARAUDEAU, 2008, p. 12). “[...] o interlocutor (ou destinatário)” (CHARAUDEAU, 2008, p. 14), “[...] para agir sobre o outro [...]” (CHARAUDEAU, 2008, p. 15), “[...] sujeito interpretante [...]” (CHARAUDEAU, 2008, p. 21, 22, 24), “[...] dois protagonistas [...]” (CHARAUDEAU, 2008, p. 24). “[...] sujeito destinatário” (CHARAUDEAU, 2008, p. 28).

Charaudeau (2004, p. 154- 155) admite a ambiguidade do termo ‘destinatário’:

> Com efeito, tanto ele representa o receptor* exterior ao processo de enunciação do sujeito falante, o indivíduo que recebe efetivamente a mensagem e a interpreta, quanto o sujeito ideal, visado pelo sujeito falante, que o inclui no seu ato de enunciação*. Por outro lado, o que não simplifica as coisas, o destinatário pode ser a instância à qual se dirige explicitamente e que é por isso, marcada como tal no enunciado ou assinalada por índices exteriores (olhar, gesto ou mímica, turno de fala organizado) ou ele pode ser o destinatário segundo ou indireto [...] que não é a instância à qual se dirige explicitamente, mas uma outra, implícita. Sem contar que o termo destinatário, no seu uso corrente, designa aquele a quem é endereçada uma carta, qualquer que seja o uso que dele é feito. Dito de outra maneira, a questão que se coloca a propósito do emprego desse termo é a de saber se ele designa o receptor empírico que se encontra numa posição simétrica àquela do emissor* como parceiro do ato de troca verbal, ou aquele que se encontra no interior do processo de enunciação, numa posição simétrica àquela do enunciador* e à qual o locutor acredita que ele se dirige. Várias propostas de distinção são feitas por diversos autores, de acordo com o ponto de vista teórico e metodológico que defendem.

Apesar de admitir essa limitação do termo destinatário, esse autor o utiliza várias vezes em sua teoria.

Meyer também utiliza vários termos, para se referir ao outro (tu) na retórica: “[...] auditório [...]” (MEYER, 1982, p. 134-148; MEYER, 2007, p. 43-56); “[...] interlocutor [...]” (MEYER, 1982, p. 129-142; MEYER, 2007, p. 43); “[...] questionador” (MEYER, 1982, 140-141); “[...] questionador implícito (MEYER, 1982, p. 140); “[...] questionador-destinatário” (MEYER, 1982, p. 143-149); “[...] protagonistas [...]” (MEYER, 1982, p. 145), “[...] protagonista [...]” (MEYER, 1982, p. 146).

Os principais termos utilizados por ele, para essa finalidade, são, respectivamente: destinatário (principal termo), auditório e interlocutor.

Tanto Charaudeau quanto Meyer, quando analisam essa variável, destacam a relevância do princípio do dialogismo na constituição do eu e o princípio da cooperação, nos usos concretos da língua, na enunciação, na pragmática.

C) Princípio do jogo

Esse princípio é central na teoria de Charaudeau (2001, p. 29), especificamente o conceito de contrato de comunicação, que considera os sujeitos de linguagem portadores de intencionalidades,

havendo, nesses atores sociodiscursivos, enquanto jogadores, o desejo de ganhar o jogo, diante dos riscos presentes no ato de linguagem:

> Todo ato de linguagem corresponde a uma dada expectativa de significação. O ato de linguagem pode ser considerado como uma interação de intencionalidades cujo motor seria o princípio do jogo: "Jogar um lance na expectativa de ganhar".

Nesse sentido, o ato de linguagem é compreendido por Charaudeau como uma espécie de aposta, como algo incerto no encontro dialético entre interlocutores: "[...] a aposta contida no ato de linguagem [...]" (CHARAUDEAU, 2010, p. 44); "O fato de perder a aposta [...]" (CHARAUDEAU, 2010, p. 44). "Porém, já vimos inúmeros casos em que esse tipo de 'aposta' fracassa" (CHARAUDEAU, 2010, p. 47). Assim, cada sujeito de linguagem assume o papel de jogador, realizando a sua aposta no ato de linguagem.

O vocábulo jogo aparece com muita frequência na obra de Charaudeau, evidenciando a sua determinação na aposta dos sujeitos de linguagem, os quais se comportam e agem como jogadores:

> "A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser baseada em sua configuração verbal, mas, no jogo (grifo nosso) que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo (grifo nosso) depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem" (CHARAUDEAU, 2010, p. 24).
> "A produção dessas paráfrases estruturais permite que se efetue na linguagem *um jogo de reconhecimento morfossemântico* construtor de sentido, que remete à realidade que nos rodeia (atividade referencial), conceituando-a (atividade de simbolização" (CHARAUDEAU, 2010, p. 25).
> "A produção dessas paráfrases permite que se efetue, na linguagem, um jogo de remissões constantes a alguma coisa além do enunciado explícito, que se encontra antes e depois do ato de proferição da fala" (CHARAUDEAU, 2010, p. 25).

Meyer também utiliza o princípio do jogo em sua teoria. A negociação da distância entre os interlocutores é uma espécie de jogo, quando o autor se refere à retórica da interação:

> Jogar com a distância entre indivíduos a propósito de uma questão requer uma dupla estratégia, relativa ao auditório [...]. Portanto, é preciso combinar uma dupla abordagem: jogar (grifo nosso) com os valores e com o éthos, dar uma resposta ao problema (MEYER, 2007a, p. 51).

Armengaud (2006, p. 36) admite a relevância de Wittgenstein, para estabelecer o paradigma da comunicabilidade, em substituição ao paradigma da expressividade, destacando dois pontos:

> 1) não há, de um lado, o pensamento e, de outro, a linguagem: indissociáveis, eles geram um ao outro, simultaneamente; 2) já não há mais linguagem própria ao indivíduo, "linguagem privada", posteriormente traduzida em linguagem pública. Falar é seguir regras, e só é possível seguir uma regra como atividade politicamente controlada, no exercício da comunicação.

Wittgenstein (1996 citado por ARMENGAUD, 2006) utiliza a expressão “jogo de linguagem”, “[...] para designar esse ambiente complexo no qual as mensagens tomam sentido [...]. Um jogo é essencialmente uma atividade regulada e compartilhada. É também uma “forma de vida”.

Wittgenstein (1996 citado por ARMENGAUD, 2006) assim concebe o termo “jogo de linguagem”:

> A expressão jogo de linguagem deve indicar aqui que falar uma língua faz parte de uma atividade, de um modo de viver. Imagine a variedade dos jogos de linguagem com a ajuda dos exemplos seguintes e de outros mais: - ordenar ou agir segundo regras; - descrever um objeto em função de sua aparência ou de suas medidas; - fabricar um objeto seguindo instruções; - levantar uma hipótese e submetê-la a verificação; - representar por meio de quadros e de diagramas os resultados de uma experiência; - inventar uma história; - fazer teatro; - cantar cantigas de roda; - resolver charadas; - pedir; - agradecer; - amaldiçoar; cumprimentar; - rezar.

Vale destacar, em conformidade com o princípio do jogo presente na linguagem, a existência de regras, tanto para os jogos quanto para a linguagem, o que implica na importância dos variados usos da língua; em que não se pode desconsiderar a presença do outro no processo interenunciativo; que o outro constitui o eu; que a comunicação envolve a interação social, o princípio da cooperação e o princípio da influência; que não somos somente seres individuais, mas também seres coletivos; que temos intencionalidades; que há riscos, cálculos na comunicação, sendo a mesma uma espécie de partida.

O Quadro 2 ilustra as diferenças entre Charaudeau e Meyer.

Quadro 2. Diferenças entre Charaudeau e Meyer

Dimensões	**Charaudeau**	**Meyer**
Dimensão investigada	Discursiva	Retórica
Natureza da linguagem	Problematológica	Problematológica: natureza apocrítico-problematológica da discursividade
Principal conceito utilizado em sua teoria	Contrato de comunicação	Negociação da distância entre os interlocutores para redução dessa diferença
Concepção de contexto	Contexto: interno ao ato de linguagem	Contexto enquanto mediador

Fonte: Adaptado de Charaudeau (2001, 2006 e 2008) e de Meyer (1982, 2007a e 2008).

Observem-se as análises acerca das variáveis apresentadas:

A) Dimensão investigada

Quanto à dimensão investigada, Charaudeau analisa a discursiva. Interessa-lhe o discurso, embora a sua análise também considere a utilização dos argumentos, principalmente quanto ao uso de estratégias discursivas, por parte dos interlocutores.

Charaudeau (2001, p. 26) propõe a utilização do conceito discurso em dois sentidos:

> Em um primeiro sentido, discurso está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem. Esta encenação depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: um circuito externo, que representa o lugar do fazer psicossocial (o situacional) e um circuito interno, do dizer. [...]. Em um segundo sentido, discurso pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social. Os discursos sociais (ou imaginários sociais) mostram a maneira pela qual as práticas sociais são representadas em um dado contexto socio-cultural e como são racionalizadas em termos de valor: sério/descontraído, popular/aristocrático, polido/ impolido, etc.

Por sua vez, Meyer aborda a dimensão retórica (argumentativa), em termos epistemológicos, considerando a existência de diferenças entre os interlocutores, de distâncias. Concebe como retórica "[...] a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada" (MEYER, 2007a, p. 25).

Esse autor vincula a argumentação à persuasão, ao convencimento do interlocutor, destacando a relevância dessa dimensão, relacionando-a ao discurso:

> A argumentação tem efeitos retóricos visando agradar, convencer, fazer aquiescer, ela opera, pois sobre uma hierarquia de valores no seio da qual se inscrevem as noções postas em relação no argumento. Relação logo hierarquização, logo avaliação: o implícito, as crenças do auditório, as pressuposições, os valores, são a sua medida. A dimensão argumentativa seria essencial à linguagem porquanto todo discurso procura persuadir aquele a quem se dirige. Por outro lado, caracterizamo-la igualmente como raciocínio não formal, não constringente, por oposição ao raciocínio lógico, à necessidade rigorosa e sem apelo. Estas duas definições estão ligadas: argumenta-se porque os raciocínios não se encadeiam com a necessidade absoluta das matemáticas, existe por isso lugar para um possível desacordo (MEYER, 1982, p. 144).

Para Meyer (1982), há uma relação entre a argumentação e a teoria do questionamento. O argumento é concebido por ele como "[...] um aviso sobre uma questão [...]" (MEYER, 1982, p. 145). "[...] o argumento é a resposta que ocupa o lugar de conclusão face à questão" (MEYER, 1982, p. 145). Assim, haveria uma relação entre a argumentação, a questão e a conclusão; em outras palavras, uma relação entre linguagem e epistemologia.

Esse autor sustenta a relevância da argumentação para a linguagem, em função do caráter persuasivo do discurso. Considera a existência de uma relação entre um explícito e um implícito a condição para a existência da argumentação.

Ele defende que, na demonstração matemática, verificam-se a adesão e o acordo, em função da univocidade da resposta, diferentemente do que ocorre na linguagem:

> A demonstração matemática convence porque, acerca duma dada questão, temos que acertar esta resposta. Daí a decisão e o acordo. Quanto ao raciocínio não formal ele não nos garante que a questão levantada não permaneça em aberto devido à ausência de um procedimento

> constringente de resolução. Daí a possibilidade da alternativa permanecer e da contradição poder surgir (MEYER, 1982, p. 144-145).

Meyer (1982) admite que a ação humana está vinculada à existência de problemas, sendo a linguagem usada, muitas vezes, na tentativa de sua resolução. Assim, a linguagem teria uma função de possibilitar o estabelecimento de um pacto entre os interlocutores. Trata-se de uma possibilidade, de uma aposta, e não de uma certeza.

Meyer (1982, p. 145) concebe argumentação enquanto colocação de questões, nos sentidos epistemológico e discursivo, compreendendo o argumento como

> "[...] a resposta que ocupa o lugar de conclusão face à questão. Ao inverso das matemáticas, as regras de passagem e as premissas permanecem implícitas ao contexto: elas não fazem problemas. A passagem da questão à resposta é a inferência através do contexto e da informação que ela oferece. Inversamente, o destinatário é um questionador que por seu lado, remota à questão levantada pela resposta que infere desta a outra através do contexto".

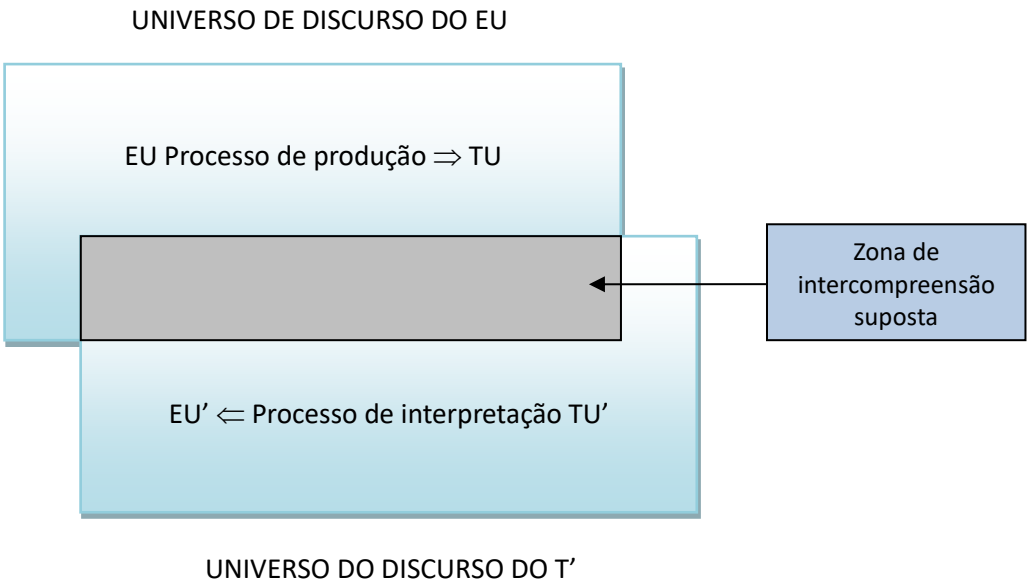
Ainda em conformidade com esse autor, a argumentação estaria condicionada à existência de "[...] uma relação entre um explícito e um implícito" (MEYER, 1982, p. 145). Funcionaria enquanto

> " [...] exigência de uma conclusão, eventualmente de uma certa decisão a tomar (o fazer crer) [...] a respeito do problema colocado no contexto da sua ocorrência, contexto que fornece aos protagonistas os recursos informativos necessários à inferência da resposta-conclusão" (MEYER, 1982, p. 145).

B) Natureza da linguagem abordada

A natureza problematológica da linguagem, para Charaudeau, se localiza no encontro dialético, o qual envolve os processos de produção e de interpretação, especificamente na zona de intercompreensão suposta. A FIG. 1 ilustra o ato de linguagem, concebido por Charaudeau (2010, p. 45) como "[...] um ato enunciativo entre quatro sujeitos (e não 2), lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso que não são idênticos [...]", em que aparece a zona de intercompreensão suposta.

Figura 1- Ato de linguagem, conforme Charaudeau.



Fonte: Charaudeau (2010, p. 45).

Charaudeau prioriza a natureza problematológica da linguagem, em função de sua opacidade, de sua complexidade, da existência de conflitos entre os interlocutores e da necessidade de um acordo, de uma cooperação, para a manutenção da vida social.

Para efeito de ilustração, citaremos um trecho, extraído do seu estudo sobre o discurso político, em que o valor a que esse autor se refere é o valor defendido pelo político, em seu discurso:

> Assim a encenação do discurso político oscila entre a ordem da razão e da paixão, misturando logos, ethos e pathos para tentar responder a questão (grifo nosso) que supostamente se coloca o cidadão: "O que me leva a aderir a este ou àquele valor?" (CHARAUDEAU, 2006, p. 84).

Essa problemática, na visão desse autor, é explicada por meio da noção de contrato de comunicação, considerando, principalmente, a existência do outro, do interlocutor, envolvendo o princípio de pertinência do ato de comunicação e, por conseguinte, do contrato de comunicação:

> [...] O princípio de pertinência, que faz duas exigências: a) de um lado, que o interlocutor (ou destinatário) possa supor que o locutor tem uma intenção, um projeto de fala, que dará ao ato de linguagem sua motivação, sua razão de ser; b) de outro lado, que eles possuam em comum um mínimo de dados que constituam esse ato, na falta dos quais não poderá dialogar. De outro modo, que eles possam reconhecer a existência de certos saberes sobre o mundo, dos valores que são atribuídos a esses saberes e das normas que regulam os comportamentos sociais por rituais linguageiros. Esse conjunto representa o que chamamos "saberes partilhados". Sem esses saberes, não há possibilidade de estabelecer uma intercompreensão e, portanto, não há pertinência no ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2008, p. 14).

Já Meyer trata da natureza problematológica da linguagem, focando a natureza apocrítico-problematológica da questão. Em conformidade com Meyer (2007a, p. 40), "[...] 'apocrítico' significa o que responde, o que resolve; 'problematológico', o que expressa uma questão, mas também o que a suscita". A sua preocupação é de cunho mais filosófico. Para efeito de ilustração, citamos este trecho:

> Com o éthos, o páthos e o logos, somos remetidos aos três problemas extremos e inseparáveis (Grifo nosso) que o homem coloca para si mesmo desde sempre: o eu com o éthos, o mundo com o lógos e o outro com o páthos. Com a retórica, o eu, o outro e o mundo são implicados em uma interrogação (grifo nosso) em que o outro é solicitado como auditório, como juiz e como interlocutor, posto que é instado a responder (Grifo nosso) e a negociar (grifo nosso). Com a ciência, dada a obrigação da objetividade, não deveria haver essa tripla dimensão, mas a vida em sociedade é feita de forma tal que as opiniões são múltiplas, problemáticas (grifo nosso) que a retórica se esforça para afrontar (MEYER, 2007a, p. 30-31).

Meyer (1982, p. 101) admite a relevância do questionamento na linguagem:

> A relação com o mundo é questionamento. A linguagem natural é eloquente a este respeito, pois não existem termos definíveis sem a intervenção de interrogativos: 'Napoleão é o vencedor de Austerlitz' ou 'a poltrona é vermelha' só são descrições verdadeiras de estados do mundo se qualquer coisa responder às questões que estas proposições são para o mundo. Elas lêem-se: 'Napoleão é aquele que venceu Austerlitz' 'a poltrona é o objecto que tem a cor vermelha'. E se ignorarmos o que é vermelho ou Austerlitz, podemos ainda complicar: '... a cidade a que chamamos Austerlitz ', '... a propriedade que...'. Cada uma destas interrogativas abre, como mundos possíveis, as respostas alternativas que elas admitem. O número mínimo é dois, pois a questão só tem afirmação ('Sim, ...') ou a negação ('Não, ...') como respostas possíveis a alternativa como várias possibilidades de respostas possíveis. Enfim, quando procuramos identificar o que está em questão num discurso, fazêmo-lo explicitamente com a ajuda de partículas interrogativas: 'O homem que venceu em Austerlitz que perdeu em Waterloo' referem-se ao mesmo indivíduo. A linguagem natural faz frequentemente a economia da sua relação questionando o mundo, pois que, a maior parte das vezes, sabemos e compreendemos o que é que está em questão quando falamos daquilo que se fala.

Em outra obra (Lógica, linguagem e argumentação), Meyer (1982, p. 101) corrobora essa ideia: "Isto quer dizer que a relação a um mundo qualquer que ele seja é interrogação. É assim que se descobre a referência. A relação com o mundo é questionamento".

Esse autor considera as relações retóricas (ethos, logos e pathos) "[...] como fontes de respostas, que podem ser argumentos ou espaços para argumentos [...]" (MEYER, 2007a, p. 30).

Em conformidade com Meyer (2007a), as dimensões retóricas (ethos, logos e pathos) exprimem questões e respostas. Assim, não há motivo para privilegiar uma dessas dimensões, e sim tratá-las sistematicamente, em pé de igualdade.

Meyer (2007a, p. 27) postula que a retórica "[...] aborda a pergunta pelo viés da resposta, apresentando-a como desaparecida, portanto resolvida [...]", diferentemente da argumentação, que "[...] parte da própria pergunta, que ela explicita para chegar ao que resolve a diferença, o diferencial,

entre os indivíduos". Desde Austin vê-se a preocupação com um instrumento básico de interpretação, a que Meyer também coloca no centro de suas investigações: o que está em questão quando dizemos?

A natureza problematológica da linguagem, para esse autor, envolve os saberes partilhados entre os interlocutores. Em conformidade com Meyer (2007a, p. 39), esses saberes "[,,,] geram os lugares comuns, as ideias convencionais, as opiniões em vigor na sociedade. Eles são simétricos ao *éthos"*.

Verificam-se, então, aproximações entre esses autores: o problema da linguagem está relacionado aos saberes partilhados entre os interlocutores, os quais estão situados no âmbito do extralinguístico: a questão do princípio de pertinência, para Charaudeau e a questão do contexto, para Meyer.

C) Principal conceito utilizado em sua teoria

O principal conceito utilizado na teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau é contrato de comunicação, vinculando-o à identidade dos parceiros, às finalidades e aos papéis linguageiros. É centrado na ideia de aliança entre os parceiros

> [...] em uma espécie de aliança objetiva que lhes permite co-construir sentido e se legitimar. Na ausência do reconhecimento de um tal contrato, o ato de comunicação não tem pertinência e os parceiros não têm direito à palavra (CHARAUDEAU, 2008, p. 17).

Esse autor destaca a relevância do contrato de comunicação:

> Ele é o que estrutura a situação na qual se desenvolvem as trocas linguageiras ao organizá-las de acordo com os lugares ocupados pelos parceiros da troca, a natureza de sua identidade, as relações que se instauram entre eles em função de certa finalidade (CHARAUDEAU, 2006, p. 53).

O contrato de comunicação evidencia uma possibilidade de um acordo, mas não uma certeza:

> A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes ao mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de conivência (CHARAUDEAU, 2008b, p. 56).

Quanto a Meyer, o principal conceito utilizado é o de distância, que está relacionado às diferenças entre os sujeitos. Esse autor admite a importância do conceito de distância, na retórica, considerando-o complexo:

> O que constitui a sua diferença, e mesmo o seu diferencial, é certamente múltiplo, e pode ser social, político, ético, ideológico, intelectual - e sabe-se lá o que mais-, mas uma coisa é certa: se não houvesse um problema, uma pergunta que os separasse, não haveria debate entre eles, nem mesmo discussão (MEYER, 2007a, p. 25).

Assim, o conceito de contrato de comunicação, de Charaudeau, e o de distância entre os sujeitos (interlocutores), de Meyer possui certas aproximações: evidenciam a existência de conflitos entre os indivíduos em sociedade; de assimetria entre os processos de produção e de interpretação da significação; a complexidade da linguagem e a necessidade de realização de um acordo entre esses atores sociais, por meio de um contrato de comunicação, no caso de Charaudeau; ou de uma negociação das distâncias entre os sujeitos, por parte de Meyer, envolvendo as dimensões retóricas (ethos, logos e pathos). Há, portanto, entre esses autores, a defesa da ideia de realização de um pacto entre os interlocutores, para a sua convivência e a relavância do outro na constituição dos sujeitos.

Meyer (2007a) não utiliza o termo contrato de comunicação, mas utiliza termos afins: "transação lingüística" (grifo nosso) (MEYER, 2007a, p. 43), "negociação da diferença" (grifo nosso) (MEYER, 2007a, p. 25).

D) Noção de contexto

Para Charaudeau (2010, p. 69), o conceito contexto "[...] é interno ao ato de linguagem e sempre configurado de alguma maneira (texto verbal. Imagem, grafismo, etc.) [...]". Divide-o em contexto linguístico e contexto discursivo:

> O contexto linguístico designaria então a vizinhança verbal de uma determinada palavra, podendo variar em dimensão. O contexto discursivo designaria os atos de linguagem existentes (aqueles que já foram produzidos) numa determinada sociedade e que intervêm na produção/ compreensão do texto a interpretar. Por exemplo, para compreender (nos anos 90) a manchete de jornal 'Junto ao muro' é necessário mobilizar os atos de linguagem concernentes 'à queda do muro de Berlim'.

Esse autor postula a existência de uma diferença entre contexto e situação de comunicação. Em conformidade com Charaudeau (2010, p. 69), situação "[...] se refere ao ambiente físico e social do ato de comunicação [...] é externa ao ato de linguagem, embora constitua as condições de realização desse ato".

O ato de linguagem, para Charaudeau, se produz dentro de uma situação de comunicação. Nela, que "[...] que constitui um espaço de troca" [...] (CHARAUDEAU, 2010, p. 70), a posição central é ocupada pelo falante (locutor), o qual se coloca em "[...] em relação com um parceiro (interlocutor)" (CHARAUDEAU, 2010, p. 70),

Em sua teoria sobre a retórica, Meyer (1982, p. 134) atribui uma grande relevância ao conceito de contexto, concebido por ele como

> [...] o mediador da diferença problematológica aquele pelo qual se instaura efetivamente um acto, isto é hic et nunc, uma diferença entre o que questiona e o que responde. [...] o contexto comporta necessariamente pelo menos dois questionadores. Um para o qual a resposta é resposta se mais, outro para o qual a resposta levanta problemas. Isto significa que a resposta não é enquanto algo que continua a colocar problemas: ou porque não se resolve a questão que se propunha resolver, ou porque suscita uma ou mais questões que expressaria ou ajudaria a resolver. Em todos os casos, ela exige uma resposta dado que é questão, resposta que pode ir ao silêncio da aprovação ou do desinteresse, à negação como rejeição pura e simples.

Assim, o contexto não é considerado por esse autor como um pano de fundo, mas um mediador, tendo um papel relevante na linguagem. Meyer (2007b, p. 89) considera o contexto como uma posição em que os saberes dos interlocutores são partilhados: "O que é então o contexto senão a posição relativa dos interlocutores, aquilo que sabem do outro, mas também aquilo que sabem que o outro sabe que eles sabem?"

Tanto o conceito de situação de comunicação (Charaudeau) quanto o de contexto (Meyer) evidenciam a relevância dos interlocutores, de seus saberes partilhados na comunicação, a complexidade da linguagem. Trata-se do extralinguístico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos, assim, a existência de várias aproximações entre as teorias de Patrick Charaudeau e de Michel Meyer, embora cada um desses teóricos aborde uma dimensão diferente: Charaudeau, a discursiva; Michel Meyer, a retórica (argumentativa), implicando numa relação de complementaridade, e não de exclusão, em relação às seguintes variáveis: 1) concepção de língua; 2) natureza da linguagem; 3) como teórico considera o outro(o tu) na sua teoria; e 4) princípio do jogo.

Destacam-se também diferenças entre essas teorias, quanto às variáveis analisadas: 1) dimensão investigada; 2) natureza da linguagem; 3) principal conceito utilizado em sua teoria; e 4) concepção de contexto.

A principal diferença entre essas teorias se refere à variável concepção de contexto.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, F. **A Pragmática**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 159 p.

CHARAUDEAU, P. Destinatário. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D.. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004. p. 154-155.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006. 327 p.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos de linguagem. In: LARA, G.M.P.; MACHADO, I.L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). **Análises do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a. 284 p.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. Trad. Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos de linguagem. In: MARI, H.; MACHADO, I.L.; MELLO, R. **Análises do Discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE/UFMG, 2001. 360 p.

MEYER, M. **A Retórica**. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007a. 128 p.

MEYER, M. **Questões de Retórica**: linguagem, razão e sedução. Trad. António Hall. Lisboa: Edições 70 Ltda., 2007b. 158 p.

MEYER, M. Les grands définitions de la rhétorique. In: _____. **Principia Rhetorica**: une théorie génerale de l'argumentation. Paris: PUF, 2008.

MEYER, M. **Lógica, Linguagem e Argumentação**. Trad. Maria Lúcia Novais. Lisboa: Teorema, 1982.